

# **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM PEDAGOGIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

Autor: Nina Araujo de Carvalho; Co-autor: Diene Araújo de Sousa; Luciana Matias Cavalcante

*Universidade Federal do Piauí – ninaxx95@gmail.com; dieneasrn@gmail.com; luciana@ufpi.edu.br*

## **RESUMO**

O objetivo desse artigo é refletir acerca da experiência do Estágio Supervisionado na formação do licenciando a fim de identificar as contribuições dessa experiência na constituição da identidade docente. Entendemos que a relação entre teoria e prática é condição para uma formação mais integral e para o desenvolvimento de uma identidade prática na profissão de professor. Tomamos como referência e fundamentação teórica os estudos de Ferreiro & Teberosky (1999); Morais (2012); Martins (2003) e Tardif (2002). Esse texto trata-se de um relato de experiência e apresenta a experiência do Estágio Supervisionado nas séries iniciais do Ensino Fundamental, especificamente no ciclo alfabetizador, no exercício das práticas de alfabetização e letramento, com ênfase numa proposta construtivista de ensino e aprendizagem. Os resultados apontam que o momento do estágio se constitui em tempo espaço de concretização de saberes, ao tempo em que também alimenta a produção de outros conhecimentos e viabiliza o movimento dialético entre teoria e prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Licenciatura, Pedagogia, Estágio Supervisionado, Identidade docente.

## **1 INTRODUÇÃO**

O Estágio Supervisionado é de extrema importância no que se refere à formação docente, pois nesse momento os acadêmicos podem vivenciar a realidade presente em nossas escolas, confrontar a dicotomia teoria x prática, requintar os saberes, aguçar o “gosto” pela pesquisa/investigação. Esse momento não deve ser considerado apenas uma obrigatoriedade no cumprimento de um componente curricular dos cursos de licenciaturas, mas como uma atividade prática que permite o diálogo entre os conhecimentos apreendidos e a produção de outros saberes no movimento que vai da teoria à prática e da prática à teoria, pela compreensão de que a teoria não é guia da prática, mas sua expressão (MARTINS, 2003).

O Estágio Supervisionado nas Licenciaturas tem como objetivo a imersão do estudante-professor na escola, propiciando a produção de novos saberes, em relação direta com os conhecimentos já produzidos durante o curso, bem como confrontá-los com a prática pedagógica propriamente dita, buscando firmar experiências mais significativas, mediante processo reflexivo e crítico.

Dessa forma, o presente artigo surgiu da experiência no Estágio Supervisionado II – Alfabetização, vivenciado no 7º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí/Campus Ministro Reis Velloso. Nesse artigo tomamos como objetivo refletir sobre a importância do estágio supervisionado na formação do licenciando em Pedagogia, por meio do relato de experiências vividas a fim de identificar as contribuições dessa experiência na constituição da identidade docente.

## **2 ENTENDENDO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ÂMBITO DA UFPI: A TEORIA COMO EXPRESSÃO DA PRÁTICA?**

A Universidade Federal do Piauí/Campus Ministro Reis Velloso (CMRV), situada na cidade de Parnaíba, que fica a 339 km de Teresina, capital do Piauí, é uma instituição de ensino superior que oferece 12 cursos atualmente, dentre eles, a Licenciatura em Pedagogia. O curso de Pedagogia divide-se em 9 blocos/períodos e a partir do 6º período inicia-se uma jornada em que os acadêmicos deverão desenvolver práticas nos espaços escolares, através da disciplina de Estágio Supervisionado. Nessas experiências os estudantes terão possibilidade de conhecer a realidade da profissão em campo e se prepararem para os desafios que irão enfrentar no âmbito da profissão.

O Curso de Pedagogia da UFPI/CMRV, conforme projeto pedagógico curricular, possui uma carga horária de 3.215h, distribuídas em disciplinas obrigatórias e optativas durante quatro anos e meio. Nesse contexto, o Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia

UFPI/CMRV atende ao que determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada, Resolução N° 02/2015, e organiza-se com uma carga horária de 405h. Nesse sentido, essa atividade é entendida, conforme preconiza a referida Resolução, como “componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico” (Art. 13, § 6°).

O Estágio que instigou as práticas discorridas nesse artigo foi o Estágio Supervisionado II e apresenta um ementário que localiza a prática do professor e da professora na Alfabetização, caracterizada pelo olhar sobre o processo de leitura e escrita, conforme projeto pedagógico curricular do Curso de Pedagogia (UFPI/CMRV), cujo ementário desta disciplina apresenta os seguintes direcionamentos:

A práxis docente e os saberes necessários à atuação do professor para uma aprendizagem significativa. A formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental: as questões didático-pedagógicas do 1° ano (Alfabetização). Competências e habilidades necessárias ao professor alfabetizador. Análise de material didático-pedagógico utilizados nas atividades escolares. Planejamento, execução e avaliação de metodologias da prática pedagógica (2011, p. 89).

Partindo do ementário que direcionou o planejamento, o plano de disciplina do Estágio Supervisionado II apresentou como objetivo geral: “refletir e analisar, por meio da relação teórico-prática, o contexto escolar no ambiente alfabetizador, as questões didático-pedagógicas inerentes ao processo de alfabetização/letramento, mediante planejamento, execução e avaliação da prática pedagógica”; e como objetivos específicos: “compreender a importância do Estágio Supervisionado na formação do professor, analisando e refletindo sobre seus fundamentos teórico-metodológicos e sobre as práticas de ensino do SEA – Sistema de Escrita Alfabética”; “refletir sobre as questões didático-pedagógicas inerentes ao processo de alfabetização/letramento a partir das vivências nos processos de observação e intervenção nas escolas, campo de estágio, desenvolvendo competências e habilidades necessárias ao processo de alfabetização e letramento”; “planejar, executar, avaliar e sistematizar práticas pedagógicas nas salas de aula de 1° e 2° anos do Ensino Fundamental (vivências na Alfabetização)”.

O conteúdo programático do plano de disciplina foi dividido em três unidades, situadas a partir das seguintes temáticas: Unidade I - a práxis docente e os saberes necessários à atuação do professor para uma aprendizagem significativa; Unidade II - a formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental: as questões didático-pedagógicas da alfabetização; Unidade III - análise de materiais didático-pedagógicos utilizados nas

atividades escolares; planejamento, execução e avaliação de metodologias da prática pedagógica.

Nos aspectos metodológicos, foi apresentado como proposta uma metodologia participativa, construída a partir do diálogo, propondo uma postura crítico-reflexiva sobre a ação pedagógica e um saber-fazer elaborado com base na relação teoria-prática. O estágio foi estruturado em cinco importantes etapas para que seu processo de desenvolvimento se desse de forma efetiva e propícia a uma construção coletiva de saberes, nas trocas de experiências. Ou seja, na primeira etapa foi proposto que fizéssemos uma visita à escola em que realizaríamos o estágio para verificar sua disponibilidade em receber e acompanhar o trabalho do estagiário, assim como deveríamos coletar as informações necessárias e escolher em qual turma ficaríamos. Nessa fase realizamos processo de observação participante na escola e, principalmente, na sala de aula escolhida; na segunda etapa, realizamos o teste de sondagem da leitura e escrita de acordo com a proposta de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, expressa na Teoria da Psicogênese da Língua Escrita (1999); na terceira etapa, foram desenvolvidas ações e intervenções pedagógicas, voltadas para a necessidade da turma em relação a alfabetização, por meio das regências; na quarta etapa, nos foi proposto realizar reflexões mais sistemáticas sobre a prática e autoavaliação da ação docente; por fim, na quinta etapa, produzimos o relatório de estágio, sistematizando nossa experiência, analisando e avaliando as ações desenvolvidas, sempre no exercício de olhar criticamente para as práticas em processo de reflexão coletiva.

### **3 METODOLOGIA**

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre o Estágio Supervisionado na Escola II – Alfabetização, vivenciado em uma escola de Ensino Fundamental da rede municipal de ensino do município de Parnaíba - PI, enquanto experiência de formação no Curso de Pedagogia. O relato de experiência é um mecanismo que possibilita o processo de apresentação de uma experiência vivida, permitindo uma reflexão sobre a prática, socialização das vivências e dos conhecimentos adquiridos.

Para uma melhor apresentação da experiência de estágio dividimos o relato das práticas a partir das etapas propostas no estágio, que são: (1) visita à escola a fim de verificarmos a disponibilidade em nos receber para que pudéssemos desenvolver o estágio, bem como o processo de observação das condições físicas e materiais da instituição, a leitura do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e observação participante nas/das práticas de sala de aula. Assim, com a autorização da diretora, passamos a observar as aulas da turma do 2º ano

do Ensino Fundamental; (2) aplicação de um teste/diagnóstico de leitura e escrita com o objetivo de conhecer as hipóteses de escrita das crianças e, para que pudéssemos traçar as estratégias que seriam adotadas durante as práticas. Com os resultados em mão, iniciamos os planejamentos das regências e logo colocamos em prática o que foi elaborado, pensando nas dificuldades detectadas nas crianças; (3) Planejamento e práticas de ensino ou momento das regências. Nessa etapa experienciamos o exercício didático de organização, sistematização e produção de uma aula, sempre em parceria com as crianças e com a professora regente da turma, nossa supervisora de estágio.

#### **4 RELATO DE EXPERIÊNCIA – A PRÁTICA NO ESTÁGIO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

##### **4.1 Momento de aproximação com a escola**

Tivemos cinco dias para realizar a observação participante, em que descrevemos a infraestrutura da escola, as condições materiais e organização dos serviços, além disso estudamos o PPP da escola e atuamos com a professora titular, auxiliando no que ela precisasse em sala de aula. No primeiro dia (02/04/2018) conversamos com a diretora da escola, procuramos coletar informações relevantes sobre a instituição para a contribuição do nosso estágio, analisamos o PPP, fizemos anotações em diário de campo, escolhemos qual turma iríamos ficar, fomos apresentadas para a professora do 2º ano e conversamos um pouco sobre a organização do processo de estágio. Fomos muito bem recebidas pela diretora e pela professora que nos avaliou e nos acompanhou, assim como fomos orientadas pela professora do Curso de Pedagogia, responsável pela organização e condução da disciplina de Estágio Supervisionado.

Esse período de observação foi muito importante para conhecermos a turma, assim como para analisarmos a prática das docentes do 2º ano. Levamos para as reflexões com os colegas de estágio nossas impressões e, com o apoio da professora orientadora do estágio, lançamos um olhar crítico para as práticas. Percebemos que a escola reserva pouco tempo às disciplinas como Artes e Ensino Religioso, deixando mais carga horária para Língua Portuguesa e Matemática. Há também certa dificuldade em compreender a proposta do ensino de Artes e Religião, que parece solto e fragmentado. Entendemos que a escola tem a responsabilidade de formar de modo integral, preparando o indivíduo para a vida em sociedade, para que possa atuar com autonomia e possa contribuir em sua transformação/renovação.

## 4.2 Diagnóstico da compreensão da escrita alfabética

Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999) desenvolveram estudos sobre os processos de construção da linguagem escrita pelas crianças e os resultados de seus estudos deram origem à Teoria da Psicogênese da Língua Escrita que, entre outras características, defende o princípio de que a alfabetização é um processo de construção interno, mas que advém das experiências externas que o indivíduo constrói em contato com a linguagem, em suas múltiplas formas e apresentações. As pesquisadoras descobriram com suas investigações que as crianças constroem trajetórias e conhecimentos próprios sobre a língua, elaborando e reelaborando hipóteses sobre a escrita, suas regras e convenções. A Psicogênese da Língua Escrita representou o caminho para a desconstrução do modelo tradicional de alfabetização, centrado em uma proposta metodológica associacionista-empirista que, historicamente, caracterizou as práticas de alfabetização. Assim, as autoras da Psicogênese da Língua Escrita tomaram como princípios básicos a percepção de que...

[...] no lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipótese, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas sim criação original). No lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outros, aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe prevê o meio (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 24).

Para Morais (2012, p.52) “[...] a teoria proposta por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1979) nos parece ser o único modelo que, seguindo uma preocupação piagetiana, busca explicar a gênese ou origem dos conhecimentos”. De fato, a partir dessa teoria houve uma nova forma de ver o sistema alfabético e entender que não é o exterior (professores, escola, tarefas), mas a transformação do interior, ao passo que há a transformação do aprendiz.

Tal teoria se opõe a alfabetização tradicional e traz consigo um emaranhado de saberes essenciais para entendermos a alfabetização. Morais (2012) salienta que há dois pontos fundamentais para entendermos que alfabetização não é aprender um código, mas se apropriar de um sistema notacional: reconhecer que os indivíduos não têm a mesma visão dos adultos alfabetizados e, por isso não faz sentido ficar repetindo fonemas isolados, sílabas ou palavras que iniciam com aquele fonema e entender que as pessoas levam um tempo para aprender e não é a repetição que levará ao sucesso na alfabetização, mas o percurso evolutivo da aprendizagem, sendo as atividades do aprendiz, geradoras de novos conhecimentos em direção à hipótese alfabética. Nesse sentido, conhecer as hipóteses produzidas pelas crianças é

fundamental para o planejamento dos processos de mediação da aprendizagem. Nesse sentido, concordamos com Silva & Cavalcante (2016, p. 1-2):

Advindo dos estudos sobre a Teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, o teste de sondagem da escrita permite ao docente a avaliação e o acompanhamento dos avanços dos educandos na aquisição dos conhecimentos alfabéticos. Os estudos de autoria de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky nos mostram que as crianças são capazes de estabelecer diferentes linhas de raciocínio sobre a escrita, assim como elaborar conceitos e resolver problemas relacionados a este sistema notacional.

O teste de sondagem é um recurso usado pelos professores no intuito de conhecer as hipóteses de escrita dos discentes durante o processo de alfabetização. O teste consiste em uma produção espontânea de uma lista de palavras, levando em conta alguns critérios, e pode ser seguido ou não pela produção escrita de alguma frase. Os critérios são: 1) o grupo de palavras precisa fazer parte de um mesmo grupo semântico para tornar o processo mais significativo; 2) composto por 4 palavras e uma frase que envolva uma das palavras; 3) as palavras devem ser de 4 sílabas, três sílabas, duas e uma sílabas, organizadas em ordem decrescente de sílabas. Ao aplicar o teste, o mediador deve pedir que a criança escreva de forma livre a palavra, sem interferir em sua escrita e logo de imediato deve solicitar que a criança leia a palavra apontando com o dedo. O mediador deve anotar em papel separado suas observações, inclusive deve descrever o modo de leitura de cada palavra, marcando os pedaços apontados para cada sílaba ou se leu sem definir os pedaços da escrita.

Na experiência do Estágio Supervisionado esse teste ocorreu após a etapa de observação participante e teve o objetivo de conhecer as hipóteses de escrita das crianças da referida turma (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabético), para que a partir dos resultados pudéssemos traçar as estratégias que seriam adotadas durante as práticas de ensino.

A realização da sondagem de escrita se deu após o período de convivência entre as crianças e estagiárias, o que facilitou o processo, haja vista já termos construído laços de amizade e afeto com o grupo, tornando-os mais relaxados para o desenvolvimento da atividade. Após receber as devidas orientações durante as aulas da disciplina de Estágio Supervisionado na Escola II, e dotadas de fundamentação teórica necessária para a aplicação e análise dos dados coletados, foi aplicado o teste de escrita e leitura. No momento da realização do teste cada estagiária acompanhou uma criança individualmente até um espaço fora da sala de aula, enquanto a aula continuava normalmente. No momento da sondagem entregamos a cada criança uma folha contendo quatro quadrados e ao lado de cada quadrado uma linha. Ao receber a folha algumas crianças questionavam e demonstravam ansiedade em executá-lo, outras demonstravam nervosismo e faziam relação com a tão temida prova.

Procuramos mostrar que não se tratava de uma avaliação, começávamos a conversar sobre o que havia comido no café da manhã, instigando com perguntas à medida que a conversa fluía.

Após esse momento, explicamos às crianças que em cada quadrinho deveriam desenhar alimentos que nos referimos ao conversar sobre café da manhã (tapioca, torrada, cuscuz, pão) e solicitamos que escrevessem essas palavras na linha ao lado do desenho. Ao final pedimos que escrevessem uma frase incluindo uma das palavras.

O resultado do teste/diagnóstico demonstrou que das 23 crianças participantes, 10 já avançaram para o nível alfabético, 05 estavam no silábico-alfabético, 04 estavam na fase silábica com valor sonoro, 01 encontrava-se na fase silábica sem valor sonoro e, por fim 03 apresentaram ainda características do nível pré-silábico, o que retrata um bom acompanhamento da turma, com exceção das 3 crianças em fase pré-silábica que necessitam de maior atenção. As características de aprendizagem da turma foi um desafio para nós, pois inicialmente não sabíamos como proceder diante da diversidade que o teste demonstrou. Porém, durante o planejamento recebemos orientações para realizar atividades em pequenos grupos, sempre integrando os pré-silábicos com os silábicos, silábico-alfabéticos com alfabéticos e também organizamos diversas atividades que tratavam, desde o desenvolvimento da consciência fonológica até a interpretação de texto e produção textual.

#### **4.3 Do Planejamento à Prática Docente – reflexões sobre os caminhos da docência**

Buscamos planejar e desenvolver práticas mais significativas para o grupo, portanto deveriam considerar a realidade dos educandos. Além disso, deveriam ajudá-los no processo de alfabetização. Partindo desse pressuposto, entendemos que a alfabetização não é um momento estanque que acontece em um certo período da vida escolar da criança, ela é um processo que ocorre antes, durante e depois da vida escolar, e por isso, além de estar presente na rotina do sujeito desde cedo deve permanecer nela para que ele tenha êxito nos processos de aprendizagem ao longo da vida. Dessa forma, o dever dos estagiários em sala de aula é colaborar com a escola, alunos e professores no tocante ao ensino-aprendizagem, ao tempo que também desenvolve habilidades e constrói sua identificação com a profissão, pensando nos elementos do ser professor, as atitudes e posturas que precisa desenvolver.

Para que realizássemos práticas que pudessem favorecer a aprendizagem significativa de determinado conteúdo, contemplando sempre a alfabetização, os conhecimentos adquiridos sobre a Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky foram de fundamental importância para alcançar os objetivos do estágio, pois favoreceu o entendimento



sobre as formas como são construídos os conhecimentos, considerando os conhecimentos prévios da criança e o processo de construção interno do conhecimento pelas trocas e experiências com o meio, fundamentados nos estudos sobre aprendizagem de Jean Piaget.

Consideramos que o processo de estágio não é fácil, principalmente quando é a primeira experiência em sala de aula, pois ainda estamos inseguras e construindo nossa autonomia passo a passo. Lidar com o movimento de construção/desconstrução da aula, com as instabilidades desse processo, trabalhando a diversidade de interesses e níveis de aceitação ou rejeição, expressos pelo outro, foi nosso maior desafio. Entretanto, consideramos também esse processo como rico de significados, de aprendizagens, pois foi espaço para colocar em prática boa parte do que aprendemos durante nosso processo de formação docente, principalmente no que diz respeito ao ciclo alfabetizador e ao planejamento.

O estágio foi desenvolvido em duplas de licenciandos e no processo a regência é sempre compartilhada. Dessa forma, nós sempre revezávamos: no primeiro momento da aula uma de nós ministrávamos a aula enquanto a outra apoiava acompanhando o grupo de crianças, atendendo individualmente àqueles que demonstravam dificuldades e no segundo horário, após o intervalo, a outra assumia a regência e, da mesma forma, recebia o apoio da colega.

Em todas as regências, procuramos sempre iniciar com uma roda de conversa buscando conhecer o conhecimento prévio da turma sobre o conteúdo que seria ministrado naquela determinada aula, o que se configurou em nosso planejamento como o momento da sensibilização. Para adentrar ao assunto em cada disciplina, procuramos continuamente uma forma diferente e lúdica que envolvesse e chamasse mais a atenção da turma, usamos estratégias com brincadeiras e práticas lúdicas, tais como dinâmicas, jogos, músicas, dentre outros recursos.

Na disciplina de Matemática sentimos bastante dificuldade em pensar em formas mais lúdicas de abordar o conteúdo, acarretando na recorrência ao uso do livro didático, da mesma forma com as disciplinas de Artes e Ensino Religioso. Tivemos também dificuldades no desenvolvimento de atividades diferenciadas, que propunham a quebra da rotina, de sempre escrever no quadro, parecia que havia certa resistência a essas atividades, além da ausência de material que facilitasse o processo. Entretanto, trouxemos mais opções, mais ideias e as atividades realizadas foram bem diversificadas, contemplando várias características do processo de ensino-aprendizagem, como por exemplo alguns segmentos da psicomotricidade, interpretação de texto, desenvolvimento de interação e colaboração em grupo, outras formas de expressão artística, etc.

Na disciplina de Língua Portuguesa foi onde tivemos mais habilidade de associação do conteúdo ao processo de alfabetização, e produzimos mais materiais e recursos didáticos lúdicos e diferenciados. O processo de construção destes recursos foi uma experiência enriquecedora, pois conseguimos pesquisar e também criar, descobrindo novas competências e desenvolvendo a criatividade no que diz respeito à produção de jogos e brincadeiras voltadas ao ensino-aprendizagem.

#### **4.4 Reflexões sobre a prática**

Uma etapa bastante relevante, pois consolidou o processo em nossa formação ao favorecer a sistematização dos saberes e experiências, foi a de refletir sobre nossas práticas desenvolvidas na escola. Experiência que ressaltou o processo de alfabetização em turmas do Ensino Fundamental, proporcionada pela disciplina Estágio Supervisionado na Escola II.

Confirmamos que a prática difere da teoria, entretanto essa passa a ser expressão daquela, pois estão intrinsecamente unidas, principalmente quando o(a) docente lida com as contradições do sistema e vivencia contextos problemáticos, se encontra entre ter que corresponder às demandas do sistema e levar uma proposta que supere o modelo tradicional para a sala de aula. Tal experiência nos proporcionou conhecer como se dá a rotina em uma sala de aula, assim como compreender um pouco como ocorre o processo de ensino e aprendizagem dos discentes que estão nessa etapa do ensino básico, como também as dificuldades enfrentadas pelos professores, por não terem materiais e assistência pedagógica e como esse fator interfere nas aulas e nos resultados a serem atingidos ao longo dos anos.

Aprendemos que nós professores e professoras temos uma responsabilidade muito grande em nossas mãos, pois envolve o compromisso político com o outro da aprendizagem, sabendo que sua prática pode fazer a diferença na vida de cada criança, contribuindo para a formação do indivíduo que está ali se desenvolvendo. Alfabetizar e letrar a criança é algo muito sério e nesse processo devem ser considerados muitos fatores, dentre eles, senão o mais importante, o contexto histórico e sociocultural, advindo das experiências pessoais, considerando que o outro não é tábula rasa ou papel em branco, mas traz consigo um repertório de saberes que são importantes e que devem ser valorizados, entendendo que o processo de relacionamento com o outro afeta muito na aprendizagem.

A reflexão que expomos nesse artigo expressa o sentimento de ter feito muito pouco ainda nos sete dias de regências, é a sensação do dever não cumprido em sua totalidade, pois a alfabetização requer tempo e não falamos do tempo *chronos* que pode ser medido e é cronológico ou sequencial, mais falamos do tempo *kairós*, onde possui natureza qualitativa,

onde há a experiência do momento oportuno. Entretanto, dentro dos limites da própria disciplina de Estágio avaliamos que foi uma experiência que contribuiu muito em nossa formação, pois fortaleceu nossa escolha pela docência, levou-nos a pisar no chão da realidade das escolas públicas e identificar suas dificuldades e potenciais, fortaleceu nossa identidade docente, levando-nos a refletir de modo crítico sobre os sujeitos da aprendizagem, os conteúdos necessários e as possibilidades metodológicas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura é essencial à formação docente, é um aprendizado necessário que possibilita ao estudante-professor conhecer e se preparar para os desafios que irá enfrentar na carreira profissional e deve acontecer durante todo o curso de formação acadêmica, no qual os estudantes são incentivados a conhecerem espaços educativos, entrando em contato com a realidade sociocultural presente nesse espaço, assim como conhecendo os ritmos e tempos da organização escolar. O estágio possibilita, portanto, o reconhecimento e conhecimento da realidade da profissão que desejou seguir, podendo relacionar teoria e prática, através de um conjunto de saberes que permeiam toda a sua formação e não só sobre o objeto de conhecimento, os conteúdos, que deve mediar a construção. Como diz Tardif (2002, p. 11): “[...] o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e identidade deles, com a experiência de vida e com a sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc.”

O estágio é uma atividade importante para a construção efetiva da formação acadêmica, pois apresenta grandes benefícios para a aprendizagem, para o progresso do ensino no que se refere ao processo de produção de saberes e desenvolvimento da autonomia, levando em conta a importância de se colocar em prática uma atividade reflexiva logo no começo da sua vida como educador/educadora, pois é nesse tempo/espaço que o estudante-professor irá experimentar e desenvolver os elementos da profissão, o que tem estudado na universidade enquanto abstração não se realiza de fato sem a abertura para a prática e daí percebemos o processo dialético entre teoria e prática, permeado por contradições, pelo repensar da teoria e pelo refazer das práticas, estimulando o movimento de renovação da profissão.

Da experiência do Estágio Supervisionado construímos saberes que ultrapassam os definidos na matriz curricular do Curso de Pedagogia. São saberes únicos relacionados às vivências pessoais, circunstanciais, relativas aos percursos singulares da formação de professores e partilhados no coletivo, nos momentos de descrição e avaliação das práticas, que

fazem de cada experiência de formação única, permeada de cultura, de interações e de linguagens. Nos processos que vivenciamos durante o estágio, identificamos falhas que precisamos reparar para que possamos adotar uma postura pedagógica que dialoga com nossas crenças, conceitos e ideias, expressão de nossa subjetividade e da construção de nossa identidade docente, sabendo do nosso inacabamento enquanto pessoa e enquanto profissional. Porém, reconhecendo também, vitórias e conquistas ao conseguirmos incluir estudantes extremamente tímidos nas atividades realizadas, promover a participação efetiva destes discentes, ter conseguido manter uma relação boa com a turma e com as professoras supervisoras, efetuar os planos de aula de forma eficaz, levar uma proposta pedagógica em que a turma saísse de uma prática tradicional e rotina enfadonha em direção a um fazer mais significativo e participativo.

## 5 REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução Nº 02 de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. **Diário Oficial da União nº 124**, 2 de julho de 2015, Seção 1, p. 8-12.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Tradução Diana Myriam Lichtenstein; Liana Di Marco; Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabético**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SILVA, Maria Eduarda Pereira da; CAVALCANTE, Luciana Matias. **Reflexões acerca da sondagem da escrita no processo de alfabetização**: relato de experiência da prática promovida no estágio supervisionado. Anais do VIII Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED. Campina Grande, PB: Editora Realize, 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.